

'Temos uma conta a pagar, mas reabrimos a loja ainda mais bonita', afirma empresária

MERCADO DO GRINGO/DIVULGAÇÃO/JC

O Humaitá foi outro bairro que sofreu com as inundações na Capital. Não só pelo poder de destruição do desastre, mas pelo tempo que levou a retomar o mínimo de normalidade, que dependia não só das ruas secas outra vez mas do recolhimento de entulhos e da volta do abastecimento de luz e água potável. Essa singularidade criou um dos principais desafios entre tantos que precisaram ser superados pelo Mercado do Gringo, conforme lembra Rosane Constante, uma das sócias: o reinício solitário, em meio à limpeza pesada dos primeiros dias.

“Afinal, os moradores não conseguiam voltar para a região”, explica. Com o apoio de um pequeno grupo de amigos e conhecidos, que enfrentaram as áreas inundadas para ajudá-las, ela e a sócia encontraram motivação.

“Apesar de todo o avanço da tecnologia no mundo, a gente viu com essa experiência que ainda precisamos muito das pessoas”, comenta Rosane, sobre os aprendizados.

O nível de água chegou a 1m80cm dentro do estabelecimento, que ficou alagado por cerca de 15 dias. Mercadoria e todo o estoque foram perdidos. Da estrutura, só restaram as prateleiras. Ao todo, 60 famílias dependiam do futuro do negócio. Quando finalmente conseguiram reabrir, quase três meses depois, os líderes do empreendimento se sentiram recompensados pelos esforços de superação. Tinha fila de clientes



Água no Mercado do Gringo, no bairro Humaitá, em Porto Alegre, chegou a 1m80cm de altura; estabelecimento ficou alagado por cerca de 15 dias

na porta. “Nesse momento, a gente sente a nossa importância. Estamos há 14 anos nesse ponto. Somos um patrimônio do bairro”, reconhece. Tanta satisfação já tinha sido senti-

da quando os funcionários começaram a voltar. “Eles estavam felizes em voltar, mostrando que amavam trabalhar ali”, recorda Rosane.

Para reerguer o negócio, a ajuda

da Rede Grande Sul de supermercados junto a fornecedores foi fundamental. Também usaram linhas de crédito ofertadas de forma emergencial pelo governo. “Temos uma

conta para pagar, mas reabrimos a loja ainda mais bonita”, destaca ela. Para a solenidade de reinauguração, o mercado contou ainda com o apoio da Agas.

Muito a reconquistar

A mais recente edição do Boletim Econômico-Tributário, publicada pela Receita Estadual em 9 de agosto, aponta que mais de 3,1 mil estabelecimentos estão com nível de atividade considerado baixo – volume de vendas inferior a 30% da média normal. O boletim mostra os impactos das enchentes nas movimentações econômicas dos contribuintes do ICMS.

A maior parte desse total (2.226) diz respeito a microempresas ou empresas de pequeno porte. O impacto é maior para os setores de supermercados, com 984 estabelecimentos, de calçados e vestuário, com 465, e de móveis e materiais de construção, com 354.

Reconstrução apoiada na 'força das pessoas'

Pelo que já foi possível fazer e por tudo que ainda precisa ser realizado, o cotidiano da rede Unisuper ilustra bem como tem sido diário o exercício da superação entre os supermercadistas gaúchos atingidos pelas enchentes de maio. O estado contínuo de “super” ações deve prosseguir por cerca de um ano, projeta Sandro Formenton, diretor presidente da rede, quando então ele planeja estar a pleno. Das 22 lojas, nove ficaram alagadas (sete em Canoas e duas em Porto Alegre). O Centro de Distribuição também foi atingido. Atualmente, opera em outro endereço, no mesmo bairro, mas em terreno mais alto e com uma estrutura mais robusta.

Trabalhando desde maio, somente em agosto as unidades começaram a ser reabertas: uma no dia 8, outra prevista para o dia 22. Sete endereços seguem em reformas sem data prevista para a volta das operações. A matriz, que nunca em 34 anos ficou fechada mais do

que dois dias no ano, está sem operações há mais de 100. E deve seguir assim por cerca de dois meses ainda. “Estamos focando nas reaberturas, mas temos uma limitação financeira”, afirma. Segundo o dirigente, o prejuízo está em R\$ 92 milhões até agora. O grupo não conseguiu acesso aos programas anunciados pelo governo e está recuperando o negócio com capital próprio. Formenton confessa que, em meio ao caos dos dias de maio, sentiu desespero. “Meu filho disse pra mim: pai, se for para a gente cair, vamos cair atirando. Vamos levantar a cabeça e trabalhar. Fiquei pensando e é isso: vamos para cima”, comenta.

Há mais de 30 anos no ramo, Formenton lembra que desafios fizeram parte da história da empresa, que sempre buscou formas de se desenvolver tendo iniciado familiar e sendo regional. A catástrofe climática da enchente, porém, foi um desafio gigante demais, desafiando o conhecimento adquirido com a

experiência. “Nunca antes fizemos tantas contas, tantos planejamentos, estratégias, reuniões, nunca se trabalhou tanto em tantas frentes. Reuniões com fornecedores, bancos, com equipes”, enumera ele. Os aprendizados começaram já na limpeza dos estabelecimentos. “Fomos atrás de empresas que soubessem fazer e não tinha. Os líderes, os sócios é que arregaçaram as mangas e foram para o front”, relembra. Levamos 60 dias para limpar tudo.

Como combustível anímico, receberam o carinho de amigos, familiares e clientes. Não tem um dia que o grupo não receba mensagens perguntando quando vão reabrir. “Um bairro pedindo para gente voltar não tem preço. É um reconhecimento. Ficamos felizes porque comprova que as pessoas veem valor no nosso trabalho”, diz o supermercadista. “Hoje, olhando tudo o que a gente conseguiu fazer, eu vejo a força, a garra e a determinação que temos. A retomada está na mão, na

força das pessoas”, enaltece. “A cada dia foi aparecendo mais gente para ajudar, mesmo quem perdeu tudo. A corrente foi ficando cada vez mais forte e, assim, encontramos os caminhos até agora”, complementa agradecido.

O dirigente ressalta que a ajuda de fornecedores regionais significou muito e lamenta não ter tido a mesma compreensão de multinacionais. “A força que a gente tem é a força do setor, da nossa rede de relacionamentos, um apoiando o outro, compartilhando o que fez diante de cada problema”, afirma, citando a Agas e a RedeCen. A jornada de superação, no entanto, está no começo. “Ainda tenho 650 colaboradores em casa. A partir do mês que vem, devem retornar. Minha maior preocupação é com a manutenção dos empregos. Governos e instituições não olharam muito bem para isso, ficou tudo com a gente. Temos 1,2 mil famílias que dependem do nosso negócio”, afirma.